ANNE GAUBERT, MÃE DO CARDEAL LOUIS-EDOUARD PIE (1796-1877)

O Cardeal Louis-Edouard Pie nasceu em Pontgouin, na diocese de Chartres na França, em 26 de março de 1815. Seus pais, casados em 1813, eram Louis Pie, sapateiro de Courville, falecido em 1828, e Anne Élisabeth Gaubert, filha de Louis Gaubert, sapateiro, nascida em 1796 e falecida em 1877. Escrevendo suas memórias de infância, Edouard, que se tornou bispo de Poitiers em 1849, disse: "Foi do pó que a Providência me tirou para fazer de mim um trabalhador em sua mese."

Em 1828, quando tinha apenas treze anos, Edouard perdeu seu pai. A partir de então, sua mãe, a quem ele estimava, era tudo para ele, e ele tinha uma verdadeira admiração por essa mulher do povo. "Nasceu a mulher humilde que Deus planejou para mim" - diz ele. Em tempos difíceis: Batizada em segredo durante a Revolução, ela foi privada dos recursos da educação cristã que, mais tarde, aplicou em benefício dos outros... No entanto, ela recebeu suas primeiras lições de ciência religiosa nos joelhos de uma mãe digna de extrema ternura que sua filha lhe demonstrou até o último suspiro; a disposição, o desejo, a necessidade de se dedicar aos outros sem nenhum retorno para si mesma irromperam cedo e em proporções tais, que ela estava realmente a serviço de todos, a ponto de comprometer sua saúde naturalmente robusta. Tendo se tornado esposa, a jovem Anne só tinha um pensamento: consagrar a Deus o filho que obteria por meio de suas orações... Ela estava na igreja assistindo à missa no dia em que um primeiro tremor lhe revelou que estava prestes a se tornar mãe. Imediatamente jogou a criança que carregava em seu ventre no seio de Deus e, em seguida, voltando-se para Maria, implorou que ela sempre se mostrasse a mãe daquele que ela logo traria ao mundo. Seu desejo foi atendido. Assim que foi batizado, Louis foi consagrado a Maria. Aquele dia foi a data do acordo que, mais tarde, Maria me permitiu tornar lema de toda a minha vida: "Tuus sum ego." Eu sou Seu.

Pouco depois de seu nascimento, a criança foi levada a Chartres para ser apresentada e oferecida a Nossa Senhora.

Quando Edouard se tornou coroinha, Anne fez a sobrepeliz que ele usava nas missas. Um dia, o pároco, M. Lepoivre, disse a Madame Pie que seu filho deveria estudar latim com vistas ao sacerdócio. Ela sorriu e disse: "Edouard, sem dúvida, fará como seus outros alunos, nenhum dos quais permaneceu no seminário; ele voltará para nós aqui e vamos zombar dele". O pároco balançou a cabeça e disse: "Tenho minhas razões, senhora: estando no altar enquanto Edouard me servia a missa, entendi, sem dúvida, que Deus tem desígnios sobre essa criança". Anne concordou prontamente.

No dia da sua primeira comunhão, em 1826, Edouard declarou publicamente e com firmeza seu desejo de estar pronto. Sua mãe também não escondia suas grandes esperanças e, quando seus amigos e vizinhos, espantados com os estudos a que o filho do trabalhador estava sendo submetido, perguntavam-lhe: "Mas, Anne, o que você quer fazer com seu filho? Vou fazer dele um papa", ela respondia, aludindo ao nome de Pius, que era o nome do papa reinante, Pio VII.

Dois anos depois, o pai morreu. Em 1832, a Sra. Pie decidiu deixar Pontgouin e ir para Chartres para ficar mais perto de Edouard. Sem recursos, ela não hesitou em trabalhar para sustentar seu seminarista e segundo filho, que ela queria tornar um trabalhador honesto.

Em 1835, Edouard entrou para o seminário maior de São Sulpício, em Paris. Que sacrifício para Anne, a quem Edouard consolava o melhor que podia. O jovem seminarista se dedicou a ajudá-la a progredir na vida cristã, enquanto ele próprio se aproximava cada vez mais do sacerdócio: "As cartas que me envia são admiráveis. Vejo que ela está inteiramente sob a ação de Deus".
Ordenado sacerdote em 25 de maio de 1839, o Padre Pie foi nomeado vigário em Notre-Dame de Chartres e sua mãe passou a viver com ele. Em 1844, ele se tornou vigário geral de Chartres.

Em 25 de novembro de 1849, o Padre Pie foi consagrado bispo na catedral de Chartres e tornou-se bispo de Poitiers. No dia de sua consagração, Monsenhor Pie escreveu uma carta pastoral: "Somos, e sempre seremos, homens de Deus entre vocês; pertencemos, e sempre pertenceremos, ao partido de Deus. E se tivéssemos que trazer conosco uma palavra de ordem, seria está: "Instaurare omnia in Christo", restaurar, recomeçar todas as coisas em Jesus Cristo. Colocar todas as coisas novamente sob o domínio legítimo de Jesus Cristo e de sua Igreja, lutar em toda parte contra essa substituição sacrílega de Deus pelo homem, que é o maior crime dos tempos modernos".

Por vinte e sete anos, até sua morte em 1877, Madame Pie viveu com seu filho bispo. Foi em suas mãos que Monsenhor Pie confiou o governo temporal do palácio episcopal. Ela também era responsável pela distribuição de suas esmolas. O bispo cercava sua mãe de confiança, ternura e consideração. Tendo ficado doente, a Sra. Pie foi privada da alegria de participar dos serviços da catedral, mas todos os dias a missa era celebrada no palácio do bispo e ela comungava com frequência.

Monsenhor Pie tinha uma ótima concepção da mãe cristã. Em um dia de março de 1861, ele se dirigiu a uma associação de mães cristãs: "Ah, uma mãe, uma mãe solteira, não conheço nada que me comova mais, que me emocione mais. A obra prima de Deus é a criatura racional; e na ordem dessa criação, não há nada mais belo, nada melhor do que a mãe. Essa mulher pode, em outros aspectos, ser uma mulher comum: como mãe, ela quase sempre tem uma grandeza, um auto sacrifício, uma distinção de mente e coração que cativa minha admiração e excita meu entusiasmo. Sempre que andei em meio a multidões, escoltado pelas pessoas mais humildes, cercado por mulheres pobres que carregavam seus filhos nos braços, sempre ouvi em meu caminho algumas daquelas palavras que brotam naturalmente da alma das mães e que são dignas de serem preservadas, lembradas e citadas como palavras sublimes de devoção e ternura [...] A linguagem das mães é repleta dessas expressões, dessas frases que revelam a nobreza, a vivacidade e a energia de seus sentimentos.

"Vocês se lembrarão das grandes palavras de Jesus: "Eu me santifico por eles, para que sejam santificados na verdade". A santificação é um dever pessoal; mas se você se esquecer dela como um dever pessoal, não se esqueça dela como um dever maternal, como uma dívida que você tem para com seus filhos. Somente Deus sabe a influência da santidade de uma mãe na alma de seus filhos. Quase todos os grandes santos tiveram mães que eram eminentes em piedade. A primeira graça concedida a um homem é ter uma mãe segundo o coração de Deus. Estamos acostumados a dizer: tal pai, tal filho. Diríamos ainda melhor: tal mãe, tal filho. Saibam, senhoras: sua maternidade não terá completado sua tarefa até que vocês tenham produzido Jesus Cristo no coração de seus filhos. A Igreja, essa mãe divina, por meio da qual Deus exerce principalmente sua própria maternidade, deu à luz seus filhos para a vida eterna. Mas o batismo é apenas uma semente, e o batizado é apenas um recém-nascido. Após a semeadura, deve haver o cultivo; após o nascimento, o crescimento. Esse é o seu trabalho, e você só pode fazê-lo sendo santa. Ah, que missão você tem, e quanto depende de você! Se a sociedade está tão doente que nos perguntamos se não está morrendo, é porque não há muitos cristãos. E se há poucos cristãos, é porque há poucas mães que são suficientemente cristãs. Portanto, ao se santificarem, ao virem aqui todos os meses para serem imersas nas fontes da doutrina e nos sacramentos, vocês estão fazendo sua parte para a salvação do mundo. Que razão para serem assíduas a essas reuniões, que nunca terminam sem que nosso divino Salvador saia de seu tabernáculo para derramar suas bênçãos sobre vocês, que são derramadas de suas almas para as de seus filhos! Ao falar assim, Monsenhor Pie só se referia ao admirável exemplo de sua virtuosa mãe.

Por volta dos oitenta anos de idade, Madame Pie adoeceu gravemente. Ela se esforçou para suavizar a ideia da separação: "Devemos, no entanto, saber como nos resignar", disse ela, "ao que é o destino absolutamente geral da condição humana. O próprio Deus, tendo se tornado homem, suportou a morte. Aqui estou eu com oitenta anos: é uma idade privilegiada, e minha aparência nunca teria me permitido acreditar que eu a alcançaria. Foi-me dada a oportunidade de cumprir minha missão além de minhas esperanças e desejos. Por que já estás prevendo tristeza e lágrimas? Vamos recitar juntos o Magnificat e o Te Deum de ação de graças e, depois, aproveitar os dias que o bom Deus terá o prazer de nos deixar."

Em 27 de janeiro de 1877, seu filho lhe deu a extrema-unção. "Agora - disse ela-, nada além de Deus!" Que ninguém fale comigo a não ser o bom Deus! Ela morreu em 5 de fevereiro.

Após a morte de sua mãe, Monsenhor Pie disse: "Meu coração está mais cheio do que nunca de minha pobre mãe, e essa presença contínua de seu pensamento é tanto uma dor quanto um prazer para mim. Está ficando tarde para mim e o dia está chegando ao fim. Todo filho pensa que é jovem enquanto vê a mãe ao seu lado; a partir do momento em que a perde, a velhice começa e se precipita". De fato, três anos depois, Monsenhor Pie se juntou à sua mãe no túmulo.

Monsenhor Pie ocupou a sede de Poitiers por trinta e três anos. Em 1870, no primeiro Concílio do Vaticano, desempenhou um papel importante na definição da infalibilidade papal. Em 1879, o Papa Leão 13 o nomeou cardeal. Ele morreu em 18 de maio de 1880

Observação: Texto extraído do livro Mães de sacerdotes (1956), do Padre Robert Quardt (1893-1971), sacerdote da Congregação do Sagrado Coração de Jesus; edição revisada e ampliada por Padre Michel Simoulin, FSSPX.

Cardeal Louis-Edouard Pie